

## O INTELCTUAL E A OBRA *RAÍZES DO BRASIL*: UMA DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA

JÚLIA SILVEIRA MATOS\*

### RESUMO

A obra de Sérgio Buarque de Holanda, desde sua morte, ganhou inúmeros intérpretes e questionadores que se dispuseram a analisar seu enigmático conceito de "Homem Cordial". Entretanto, a maioria das análises hoje existentes considera sua obra *Raízes do Brasil* uma síntese da história do país, voltada à cultura brasileira, e desconsideram seu caráter político e questionador frente aos cordialismos que deterioram nossa política. No presente trabalho, apresentamos as interpretações tradicionais da obra desse autor e como muitas vezes estas foram produzidas de forma descontextualizada.

**PALAVRAS-CHAVE:** historiografia – democracia – cordialismos

*Um país de faz com homens e livros (...) Nos livros está fixada toda a experiência humana. É por meio deles que os avanços do espírito se perpetuam.*

Monteiro Lobato

Muitos já estudaram Sérgio Buarque de Holanda, analisaram influências e pontos centrais de sua obra, mas nem tudo foi revelado sobre suas idéias sociais, políticas e econômicas, que com certeza influenciaram a intelectualidade posterior a ele. Lacunas como o caráter político da obra e seu entrecruzamento com clássicos do início do século XX ainda existem.

No presente trabalho propomo-nos analisar a sua obra, enfatizando o contexto de produção, influências e engajamento político do autor, pois nosso objetivo é voltar ao texto de Sérgio Buarque de Holanda, armados com um tipo de informação histórica que nos possibilite ressignificar, desvendar o sentido de *Raízes do Brasil* em seu momento de produção, descobrir o que pretendeu fazer Sérgio Buarque

---

\* Professora do Dep. de Biblioteconomia e História – FURG; Mestre em História – PUCRS; membro do CIPEL e autora de *Sérgio Buarque de Holanda: Raízes do Brasil, diálogos com a política e a história do Brasil*, dissertação defendida em 2005; [julmatos@universia.com.br](mailto:julmatos@universia.com.br).

de Holanda com o que disse, pois entendemos que “um discurso, além de ter um significado, é também uma ação”.<sup>1</sup>

Neste artigo demonstraremos como o livro *Raízes do Brasil* foi interpretado pelos principais estudiosos e como muitas vezes essas interpretações foram feitas de forma descontextualizada.

Quando falamos em Sérgio Buarque de Holanda e sua obra, alguns nomes logo nos vêm à mente, como Antônio Cândido de Mello e Souza<sup>2</sup>, Maria Odila Leite da Silva Dias<sup>3</sup> e Francisco de Assis Barbosa<sup>4</sup>, por seus pioneiros e marcantes trabalhos de análise da obra do historiador. Aqui, não poderíamos nos esquivar de discutir um pouco o que esses ex-alunos, amigos e admiradores disseram de *Raízes do Brasil*, e assim nos dedicamos neste trabalho à análise dos dois primeiros intérpretes.

Em 1965, Antônio Cândido publicou *Literatura e sociedade*, obra que se tornou clássica. Na dedicatória, “A Maria Amélia e Sérgio Buarque de Holanda”, vemos a forte ligação entre ambos. Nesse livro Antônio Cândido expôs seu método de análise intertextualista da obra literária, e no antepenúltimo capítulo fez um panorama da *Literatura e Cultura* brasileiras de 1900 a 1945. Para Antônio Cândido, a literatura brasileira pode ser dividida em dois momentos decisivos que mudaram os rumos do pensamento no Brasil: o Romantismo (1836-1870) e o Modernismo (1922-1945). Ao discutir o Modernismo, o estudioso apresenta sua visão sobre vários intérpretes do Brasil – um deles, Sérgio Buarque de Holanda. Este é incluído como um dos protagonistas do movimento modernista.

Segundo Antônio Cândido, é uma característica da geração de Sérgio Buarque a busca por explicações, por meio das sínteses e ensaios históricos. “Com recuo no tempo, vemos agora que se tratava de redefinir a nossa cultura à luz de uma avaliação nova de seus fatores”<sup>5</sup>. Antônio Cândido diz que nesses anos se multiplicaram os ensaios do gênero de *Raízes do Brasil*, que para ele é uma síntese psicológica do caráter brasileiro, a maioria com a intenção de interpretar o Brasil.

---

<sup>1</sup> SKINNER, Quentin. Entrevista. In: PALLARES-BURKE, 2000. p. 332.

<sup>2</sup> Professor titular aposentado do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, amigo de Sérgio Buarque de Holanda e autor de “O significado de Raízes do Brasil”, introdução da obra para a edição de 1969, entre outros trabalhos.

<sup>3</sup> Professora Titular de História do Brasil do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, ex-aluna de Sérgio Buarque e organizadora da obra *Sérgio Buarque de Holanda* (1985).

<sup>4</sup> Diretor do Centro de Estudos Históricos da Fundação Casa de Rui Barbosa e organizador da obra *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda* (1988), entre outros trabalhos.

<sup>5</sup> CÂNDIDO, 2000, p. 123.

Não poderíamos negar a afirmação de Antônio Cândido, uma vez que a obra inaugural de Sérgio Buarque se apresenta, até para as análises mais superficiais, como um estudo que traça características psicológicas do brasileiro: o “homem cordial”.

No entanto, a análise mais profunda sobre *Raízes do Brasil*, só encontraremos em 1969, na quinta edição da obra. Antônio Cândido inicia essa “Introdução” falando do modo como as obras de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior ensinaram sua geração a refletir e a se interessar pelo Brasil. Seguindo seu raciocínio, o historiador afirma: “São estes os livros que podemos considerar chaves, os que parecem exprimir a mentalidade ligada ao sopro de radicalismo intelectual e análise social que eclodiu depois da Revolução de 1930”.<sup>6</sup>

Nessa afirmação, comum à maioria dos estudiosos da obra de Sérgio Buarque de Holanda, vemos que Antônio Cândido partiu de pressuposto diferente do nosso. Ele situou a obra em seu ano de publicação (1936), e por isso delega à Revolução de 1930 o caráter influenciador, como se essa obra e tantas outras somente tivessem alcançado o *radicalismo* de seus temas graças à transformação social brasileira iniciada por essa revolução. Nós não partimos desse pressuposto. Ao contrário, vemos *Raízes do Brasil* como uma obra descontextualizada, pois a teoria ali apresentada não pertence a 1936 e sim a 1929-1930; ela antecede a Revolução de 1930 e não é posterior. Seu conteúdo é fruto de uma insatisfação que gerou a revolução e não vice-versa. Por isso, muitos dos intérpretes da obra de Sérgio Buarque se equivocam e não comparam *Raízes* aos textos produzidos por ele em fins de 1929 e início de 30. Neste trabalho procuramos comparar as idéias contidas na obra aos textos jornalísticos produzidos por Sérgio Buarque, como correspondente de *O Jornal*, em fins de 1929-30. Não deixaremos também de analisar as possíveis influências e similaridades em idéias de alguns clássicos do início do século XX, que versam sobre a identidade brasileira.

Antônio Cândido em sua análise apresenta *Raízes do Brasil* como uma obra de resposta a problemas do presente. “A atitude do autor, aparentemente desprendida e quase remota, era na verdade condicionada por essas tensões contemporâneas, para cujo entendimento oferecia uma análise do passado”.<sup>7</sup>

É justamente neste ponto que nos encontramos, pois *Raízes do Brasil* foi o instrumento encontrado pelo autor, de forma nada

---

<sup>6</sup> CÂNDIDO, 1973. p. xi.

<sup>7</sup> Id., *ibid.*, p. xii.

desprendida e remota, para discutir os problemas sociais, culturais e econômicos brasileiros, chegando a propor soluções para a crise que vivia o Brasil. Em um movimento quase direto, ao mesmo tempo em que Antônio Cândido apresenta o engajamento com o presente da obra, a associa ao movimento da Nova História dos franceses. “O seu respaldo teórico prendia-se à nova história social dos franceses, à sociologia da cultura dos alemães, a certos elementos de teoria sociológica e etnológica também inéditos entre nós”.<sup>8</sup>

Essa associação entre Sérgio Buarque de Holanda e a Nova História social dos franceses, feita por Antônio Cândido em 1969, tornou-se palavra dada quase inquestionável entre os demais estudiosos buarquianos. No entanto, precisamos observar: apesar de Sérgio Buarque de Holanda estar em Berlim nos anos de 1929, data que coincide com a fundação da *Revista dos Annales*, não veremos na obra de Sérgio Buarque de Holanda influência destes ou mesmo citação. A marcante influência européia é a alemã, com inúmeras citações de Max Weber, além de outros intelectuais alemães.

Precisamos observar que a preocupação com o presente não é algo criado pela Nova História francesa<sup>9</sup>. Na verdade, poderíamos citar grandes nomes da literatura e da história que construíram seus trabalhos de forma engajada. Jacques Le Goff, em *A História Nova*, reivindica nomes como Voltaire, Guizot e Jules Michelet, por considerar que esses escritores e estudiosos já apresentavam as mesmas inquietações com o presente que o grupo da Nova História francesa possuía. Da mesma forma, Sérgio Buarque, ao analisar a obra de Leopold von Ranke, afirmou: “E a arte consumada do escritor (...) o que faz com que, depois de apreender os fatos particulares, saiba revivê-los em suas amplas pulsações, (...) Ao menos por esse lado, não se pode dizer que consiga omitir-se ou apagar-se no que escreveu”<sup>10</sup>. Sérgio Buarque não aprendeu com os franceses a “olhar o passado com olhos do presente”, mas, com seu próprio contexto político-social. “(...) ainda que isso seja uma redundância é necessário lembrar que uma leitura do passado, por mais controlada que seja pela análise dos documentos, é sempre dirigida por uma leitura do **presente**. Com efeito, tanto uma quanto a outra se organizaram em função de problemáticas impostas por uma situação”.<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> Id., *ibid.*

<sup>9</sup> Não negamos que grandes foram as inovações dos métodos de pesquisa histórica propostas por este grupo de intelectuais professores da Universidade de Estrasburgo, que nos anos de 1929 fundou a *Revista dos Annales*.

<sup>10</sup> HOLANDA, 1974, p. 437.

<sup>11</sup> CERTEAU, 2000, p. 34.

Principalmente naquele momento, olhar o passado com olhos do presente, justificar os problemas e propor soluções, parecia mais do que nunca a função do historiador. “(...) todos desejavam reaproximar as humanidades, os povos, e uma nova finalidade aparece, portanto, no discurso do historiador, o qual é então considerado como instrumento possível de paz, após ter sido arma de guerra”.<sup>12</sup>

No Brasil poderíamos citar inúmeras obras escritas dentro de problemáticas impostas pelo contexto social, cultural e político brasileiro. O encontro de Sérgio Buarque de Holanda com a Nova História francesa ocorreu mais tarde, em 1958, em sua tese *Visão do Paraíso*, obra inteiramente dirigida por forte influência do historiador Lucien Febvre. O mesmo não se aplica a *Raízes do Brasil*, em que, naquele momento, Sérgio Buarque de Holanda estava ainda debruçado sobre os modelos weberianos.

É claro que em 1934, com a fundação da Universidade Estadual de São Paulo e com a estada no Brasil de muitos historiadores, como Fernand Braudel e Lucien Febvre, não podemos descartar a possibilidade de Sérgio Buarque ter realizado algumas leituras desses franceses. Mas, acreditamos que foi em 1949 com sua estada em Paris, para uma série de três conferências na Sorbonne, que Sérgio Buarque tenha definitivamente se encontrado com textos febvrianos e braudelianos. O que nos parece mais plausível, pois foi somente com as publicações de *O problema da descrença no século XVI: a religião de Rabelais*, de Lucien Febvre, e *O Mediterrâneo*, de Fernand Braudel, que esses historiadores se consagraram. Em sua apresentação a *Tentativas de mitologia* (1979), Sérgio Buarque de Holanda falou sobre a lição aprendida com Febvre: “Deve-se ainda ao mesmo Febvre a observação, que outro autor de sua linhagem pôde resumir concisamente, ao afirmar que o perfeito historiador precisa ser um grande escritor”<sup>13</sup>. Lição, ao que nos parece, Sérgio Buarque de Holanda já havia aprendido desde muito cedo.

Em dois outros pequenos trabalhos – *Sérgio, o radical*<sup>14</sup> e *A visão política de Sérgio Buarque de Holanda*<sup>15</sup>, Antônio Cândido reforçou sua visão de que em *Raízes do Brasil* “existem sementes de um ponto de vista radical”<sup>16</sup>. Em ambos os trabalhos o autor menciona o ineditismo da obra de Buarque de Holanda e afirma: “Ora, eu penso cada vez mais que em pelo menos *Raízes do Brasil* Sérgio Buarque de Holanda foi um

---

<sup>12</sup> DOSSE, 1950, p. 15.

<sup>13</sup> HOLANDA, 1979, p. 31.

<sup>14</sup> Artigo publicado em *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra* (1988).

<sup>15</sup> Artigo publicado em CÂNDIDO, 1998.

<sup>16</sup> CÂNDIDO, 1988, p. 63.

dos expoentes do pensamento radical brasileiro”<sup>17</sup>. Para Antônio Cândido, pensamento radical é aquele que visa à transformação social em sentido de igualdade e “justiça social, implicando a perda de privilégios das camadas dominantes”<sup>18</sup>. No segundo artigo, Antônio Cândido fala sobre a refutação de Sérgio Buarque de Holanda à explicação comunista e a fascista para a história.

O radicalismo da obra de Sérgio Buarque que Antônio Cândido menciona nesses dois artigos nos levou a refletir, pois o autor fala sobre “democracia radical”, “justiça social” e “perda de privilégios”. Sobre essa afirmação de Antônio Cândido, é bom observarmos que Sérgio Buarque desde muito cedo se posicionou de forma radical frente a temas que acreditava injustos, como o decreto de banimento da Família Real, o constante plágio entre os escritores, o problema do café brasileiro, as eleições de 1930, enfim, sua postura sempre foi bem definida sobre esses assuntos. Mas que tipo de democracia Sérgio Buarque defendia em fins de 1929? Em seu artigo “Nacionalismo e monarchismo na Alemanha”<sup>19</sup>, Sérgio Buarque discutiu os perigos que oferece um ditador autoritário ao país. Ele cita o então Secretário da Fazenda do Reich, o Sr. Hjalmar Schacht, que liderava uma inédita ditadura financeira, e afirma:

Sua vontade é lei, as suas simples declarações valem quase por verdadeiras ordens. Ele pode comprometer com um gesto, a marcha uniforme dos negócios do Estado, como poderá produzir uma verdadeira remodelação ministerial e – quem sabe? – até uma queda de gabinete. Suas palavras são comparadas a certas orações do ex-Kaiser ou de Pilsudsk.

Como vemos nesse trecho do artigo, Sérgio Buarque dirige um forte alerta ao povo sobre o perigo ao bem-estar do Estado oferecido por governos totalitários como aquele do Reich no início dos anos de 1930. Essa crítica também encontramos em *Raízes do Brasil* quando o historiador diz: “O Estado, entre nós, não precisa e não deve ser **despótico** – o despotismo condiz mal com a doçura de nosso gênio – **mas necessita de pujança e compostura, de grandeza e solicitude (...)**”<sup>20</sup>

A primeira frase desse parágrafo de *Raízes do Brasil* traz a mesma idéia contida no artigo “Nacionalismo e monarchismo na Alemanha”, pois afirma que um governo não pode ser despótico. Despótico, palavra encontrada no dicionário como adjetivo próprio de déspota, tirânico e absoluto, do grego *despotes*, ou seja, aquele que

---

<sup>17</sup> Id., *ibid.*

<sup>18</sup> Id., *ibid.*

<sup>19</sup> Publicado em *O Jornal*. Rio de Janeiro, 28 de fev. p. 1 (artigo escrito em Berlim).

<sup>20</sup> HOLANDA, 1973, p. 131 (grifo nosso).

domina tiranicamente. O tirano entre os gregos era aquele indivíduo que usurpava o poder, soberano, injusto e cruel, que abusava de sua autoridade, enfim, ditador. Essa é a imagem do Secretário da Fazenda da Alemanha, transmitida por Sérgio Buarque, pois este não fora eleito como governante, no entanto exercia o poder como se o fosse, de forma despótica. Sérgio Buarque é radicalmente, como diria Antônio Cândido, contrário a esse tipo de governo, pois para ele o governo deve e precisa ter “pujança e compostura, grandeza e solicitude”, atributos necessários para um governo forte capaz de “mudar o rumo da sociedade, salvando-a de supostos fermentos de dissolução”<sup>21</sup>. No entanto, o poder do governante não pode emanar de seu próprio punho e sim “de uma predisposição espiritual emotiva particular, de uma concepção de vida bem definida e específica, que tivesse chegado à maturidade plena”<sup>22</sup>, ou seja, das mãos de um povo emancipado intelectualmente. Este não pode assistir aos acontecimentos, como vinha ocorrendo no Brasil, “bestializado, atônito, surpreso, sem conhecer o que significava”<sup>23</sup>.

Assim, como afirmou Antônio Cândido, Sérgio Buarque defende a justiça social e a perda de privilégios dos grupos dominantes. Isso fica muito claro quando Sérgio Buarque chama nossa República de Plutocracia, ou seja, governo dirigido pelo poder do dinheiro, liderado por homens ricos, palavra do grego *ploutokratia*, *pluto* – riqueza, *cracia* – governo. Esse governo militarizado da Primeira República, que visava ao bem de poucos,

não criou nenhum patriciado, mas apenas uma **plutocracia**, se assim se pode dizer, (...) daí o melancólico silêncio a que ficou reduzida a casta de homens que no tempo do Império dirigia (...) as instituições, assegurando ao conjunto nacional certa **harmonia** que nunca mais foi restaurada.<sup>24</sup>

Sérgio Buarque defendia a participação popular no governo, entretanto via na força do Estado a solução para o funcionamento harmônico dos diversos setores da economia e da sociedade, o que explica suas constantes citações ao governo imperial. Para ele o governo de Dom Pedro II havia instaurado no Brasil uma estrutura capaz de fazer com que “as peças de seu mecanismo funcionem com certa harmonia e garbo. O Império brasileiro realizou isso em grande parte”<sup>25</sup>, e ainda afirmou que essa harmonia destruída com o advento da República numa mais foi restaurada.

---

<sup>21</sup> Id., *ibid.*, p. 141.

<sup>22</sup> Id., *ibid.*, p. 119.

<sup>23</sup> LOBO, Aristides, apud HOLANDA, 1973, p. 119-120.

<sup>24</sup> HOLANDA, 1973, p. 131 (grifo nosso).

<sup>25</sup> Id., *ibid.*

Dessa forma, Sérgio Buarque criticou governos despóticos que não visam ao bem comum e sim de poucos pertencentes a sua predileção e disse:

Todo o pensamento liberal-democrático pode resumir-se na frase célebre de Bentham: “A maior felicidade para o maior número”. Não é difícil perceber que essa idéia está em contraste direto com qualquer forma de convívio humano baseada nos **valores cordiais**. Todo o afeto entre os homens funda-se forçosamente em preferências. Amar alguém é amá-lo mais do que a outros.<sup>26</sup>

Nesse trecho podemos ver a preocupação com um dos princípios mestres da Democracia – a igualdade, valor que no pensamento do historiador é antagônico à cordialidade brasileira. Para ele um Estado não pode fazer acepção de pessoas. Por isso, ele afirma que “A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios”<sup>27</sup>. Um sistema de governo que não prima pela ordem e bem-estar de todos não pode ser considerado democrático, pois democracia é o governo do povo, *demo* – povo, *cracia* – governo, soberania popular. Esse é o conceito de democracia na obra de Sérgio Buarque de Holanda.

No entanto, divergimos de Antônio Cândido quando este afirma que Sérgio Buarque apresentou em sua obra uma *democracia radical*, pois na verdade o historiador admite alguns subterfúgios necessários, segundo ele, à implantação de uma democracia, e afirma:

o Estado, criatura espiritual, opõe-se à ordem natural e a transcende. Mas também é verdade que essa oposição deve resolver-se em um contraponto para que o quadro social seja coerente consigo (...). O Espírito não é **força normativa, salvo onde este pode servir à vida social** e onde lhe corresponde.<sup>28</sup>

Nessa citação podemos ver a aceitação da força para implantar a ordem. Um pouco antes, Sérgio Buarque já afirmara: “É necessário algum elemento normativo sólido, inato na alma do povo, ou mesmo implantado pela tirania, para que possa haver cristalização social”<sup>29</sup>. Aqui temos a tese de Sérgio Buarque de Holanda, a *cristalização social*, a solidificação da nação brasileira formada por diversas etnias, assim

---

<sup>26</sup> Id., *ibid.*, p. 139-140.

<sup>27</sup> Id., *ibid.*, p. 119.

<sup>28</sup> Id., *ibid.*, p. 142.

<sup>29</sup> Id., *ibid.*, p. 140.

como um cristal é formado por diversas substâncias minerais que foram fundidas adquirindo forma. É com a nacionalização do Brasil que o historiador estava preocupado. Mas para isso, diante do contexto político-social brasileiro, onde todos vivem debaixo de um governo despótico sustentado por relações de cordialidade que visam ao bem de poucos, era preciso um governo forte que forjasse na alma brasileira a compreensão de que “As formas superiores da sociedade devem ser como um contorno congênito a ela e dela inseparável: emergem continuamente das suas necessidades específicas e jamais das escolhas caprichosas”<sup>30</sup>.

Na concepção de Sérgio Buarque, é necessário que o povo alcance uma emancipação intelectual, para então poder dirigir o Estado a partir de suas “necessidades específicas”. Essa idéia encontramos em um texto muito anterior a *Raízes do Brasil*, datado de 1920, um artigo publicado no *Correio Paulistano*, em que afirma: “A emancipação intelectual de um povo não é, nem podia ser um corollário fatal da emancipação política. Esta é um fator secundário, se tanto, na evolução do espírito de um povo”<sup>31</sup>.

Sérgio Buarque iniciou esse artigo com o cerne de sua tese, “a emancipação intelectual do povo”, como propiciadora da emancipação política, idéia que o acompanhou até o grande desfecho: sua obra *Raízes do Brasil*. Sérgio Buarque é realmente radical quando afirma que, para o Brasil alcançar sua independência, precisa revogar a velha ordem colonial e patriarcal e deixar vir à luz um outro mundo<sup>32</sup>. Mas o que precisamos compreender é que Sérgio Buarque é um homem de seu tempo, e assim, ao defender uma democracia, não a concebe como a entendemos hoje. Ele consegue ver na política de privilégios brasileira o câncer do país e por isso apresenta como solução, para dar fim a essa situação, um governo forte, chegando a citar a tirania como uma saída, não a melhor, mas uma alternativa para instaurar a ordem em “nossa desordem”<sup>33</sup>.

Fica mais fácil compreender o conceito de democracia defendido por Sérgio Buarque quando nos reportamos a Max Weber: “ele acreditava na democracia como um instrumento útil de minimização do poder, como o único freio eficaz ao autoritarismo do Kaiser e da burocracia alemã”<sup>34</sup>. No entanto, segundo alguns intérpretes de sua obra, seu conceito de democracia não é nada democrático. Nós

---

<sup>30</sup> Id., *ibid.*, p. 142.

<sup>31</sup> HOLANDA, 1920, p. 1.

<sup>32</sup> Conforme HOLANDA, 1973, p. 135.

<sup>33</sup> Id., *ibid.*, p. 119-142.

<sup>34</sup> MARSAL, s. d., p. 18.

entendemos que realmente, se analisarmos a democracia weberiana como a concebemos hoje, poderemos concluir também que Weber não era nada democrático, assim como Sérgio Buarque de Holanda. Em um dos diálogos de Weber, citado por sua esposa, com o general Ludendorff, podemos observar isso: “Numa democracia, o povo escolhe um dirigente que goza da sua confiança. Então o dirigente diz: ‘Agora é calar e obedecer’. A partir desse momento, o povo e o partido já não podem interferir nos seus assuntos”<sup>35</sup>. Essa visão de democracia está intimamente ligada à preocupação com a ordem, para ele, indispensável ao bom funcionamento do Estado. Como afirmou Sérgio Buarque: “É claro que a necessidade de boa ordem entre os cidadãos e a estabilidade do conjunto social tornaram necessária a criação de preceitos obrigatórios e de sanções eficazes”<sup>36</sup>. Esses preceitos e sanções e obrigatórios seriam impostos pelo governo escolhido dentro da legitimidade, conceito também extraído de Weber, e assim, “Em tempos talvez mais ditosos que o nosso, a obediência àqueles preceitos em nada se parece com o cumprimento de um dever imposto. Tudo se faz, por assim dizer, livremente e sem esforço”<sup>37</sup>. Então, concluímos que na visão de Sérgio Buarque um Estado forte que impõe a ordem, desde que esteja preocupado com o bem-estar geral, liberto das velhas chancelas da ordem patriarcal, seria seguido pelo povo, livremente e sem esforço.

Dessa forma, quando Antônio Cândido afirma que Sérgio Buarque “atribuiu à massa do povo a capacidade de iniciativa e criatividade política” e que “foi o primeiro a dizer (...) que o próprio povo brasileiro tinha de assumir as rédeas do seu destino”<sup>38</sup>, não está totalmente equivocado, porque essa é a idéia do historiador. No entanto, como já vimos, isso somente seria possível após a emancipação intelectual dessa “massa do povo”. Diferentemente, é claro, de outros pensadores do início do século, que viam as elites esclarecidas como as únicas capazes de guiar o povo pobre e imaturo, incapaz de se governar. Sérgio Buarque outorga ao povo essa capacidade desde que este fosse instruído, *emancipado intelectualmente*. Nosso historiador não bebeu somente em Weber, também debruçou-se sobre clássicos do pensamento político e ufanista brasileiro do início do século XX, mas isso analisaremos mais adiante.

Maria Odila Leite da Silva Dias, juntamente com Antônio Cândido

---

<sup>35</sup> WEBER, Max, apud MARSAL, s. d., p. 18.

<sup>36</sup> HOLANDA, 1973, p. 132.

<sup>37</sup> Id., *ibid.*, p. 119-133.

<sup>38</sup> CÂNDIDO, 1988, p. 65.

de Mello e Souza, foi pioneira na análise da obra e do estilo de Sérgio Buarque de Holanda. Maria Odila, em 1985, organizou e publicou, pela editora Ática, uma coletânea de trabalhos intitulados *Sérgio Buarque de Holanda*. Cinco anos depois participou, com outros estudiosos, da Semana Sérgio Buarque de Holanda, instituída como homenagem ao historiador pela Secretaria de Estado da Cultura e pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo, que, juntamente com o Instituto de Estudos Brasileiros – IEB – da Universidade Estadual de São Paulo – USP, publicaram os trabalhos apresentados. Entre esses trabalhos encontramos “Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda”, de Maria Odila Leite da Silva Dias. Nesse artigo, a historiadora situou seu foco de análise sobre o estilo de redação e de construção de Sérgio Buarque de Holanda. Sua análise é centrada nas obras mais recentes de Sérgio Buarque, como: *Monções, Caminhos e fronteiras, Visão do paraíso, Do Império à República* e, por fim, *Raízes do Brasil*. Para ela o eixo que estrutura o trabalho de Sérgio Buarque é a linguagem e a forma de construção dos temas. “O modo de Sérgio Buarque de Holanda construir em suas obras seu objeto de estudo, como historiador, árdua e sofisticadamente elaborado no ritmo de sua narrativa, envolve a urdidura de eixos ou conglomerados de temas em movimento no tempo”<sup>39</sup>.

Primeiramente, observamos a expressão “temas em movimento no tempo”. Este para Sérgio Buarque foi instrumento útil para, assim como Ranke, desempenhar a tarefa árdua de historiador, que “partindo da observação do único, em sua unicidade, deverá entretanto explicá-lo, o que só poderá fazer recorrendo aos meios que servem para se comunicarem os homens entre si, pois que são inteligíveis geralmente”<sup>40</sup>. Sobre essa influência rankeana, relativizada por Sérgio Buarque em entrevista a Richard Graham, publicada em *The Hispanic American Historical Review, Raízes do Brasil* foi construída. Nessa entrevista, Sérgio Buarque afirmou que a influência alemã que recebeu foi puramente “conjectural e acidental”, e quando aceitou escrever um ensaio sobre Ranke, não foi devido a sua influência e sim por considerá-lo um historiador mais genérico, o que vinha ao encontro dos planos de Florestan Fernandes, o organizador da coleção.

No entanto, o recurso ao retrocesso histórico, às nossas raízes, como forma de compreensão do presente, utilizado por Sérgio Buarque, materializa o aprendizado rankeano. Para Leopold von Ranke, “A atenção do historiador deverá dirigir-se (...) aos povos mesmos que representam um papel ativo na cena da história, às influências que exercem

---

<sup>39</sup> DIAS, 1988, p. 73.

<sup>40</sup> HOLANDA, 1974, p. 442-443.

um sobre o outro, às lutas que sustentam entre si, às trajetórias que desenvolvem dentro dessas relações pacíficas ou guerreiras<sup>41</sup>. Esse aprendizado veio com a declarada admiração por seu mestre alemão Meinecke, o qual lhe apresentou as bases do historicismo, por ser entusiástico discípulo de Leopold von Ranke.

Assim, podemos comparar a afirmação de Ranke à de Sérgio Buarque na primeira página de *Raízes do Brasil*: “Assim, antes de perguntar até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa, caberia averiguar até onde temos podido representar aquelas formas de convívio, instituições e idéias de que somos herdeiros<sup>42</sup>. Ranke, em *Pueblos e Estados*, definiu qual deveria ser a centralidade da pesquisa do historiador, ou seja, as influências que os povos exercem uns sobre os outros e as trajetórias que desenvolvem dentro dessas relações. Podemos ver nas palavras introdutórias de Sérgio Buarque em *Raízes do Brasil* a intenção de clarear, analisar as influências ibéricas e como estas estabeleceram as “formas de convívio” brasileiras. Sérgio Buarque, no entanto, fazendo bom uso da construção frasal, ao mesmo tempo em que esclarece seu objetivo, nessa citação apresenta sua problemática: teríamos nós alcançado “bom êxito” ao reproduzir as “formas de convívio” herdadas de nossos pais ibéricos? Em torno dessa problemática gira toda a discussão da obra. Para Sérgio Buarque, a adaptação dessa cultura importada nas terras tropicais produziu a distorção de nossas instituições, valores e relações sócio-políticas.

Dessa forma, Sérgio Buarque se valeu da reconciliação com o passado, recurso utilizado por diversos historiadores no século XIX, para explicar o presente, ou seja, a cultura, as instituições e as relações sociais brasileiras nos anos de 1920-30. O historiador recorreu, assim, às origens, não para legitimar o presente por meio do passado<sup>43</sup>, mas para explicar o contexto em que vivia. Como vemos, Sérgio Buarque aprendeu bem a lição rankeana de que a história “não consiste tanto em reunir e interligar os fatos, como em compreendê-los e explicá-los<sup>44</sup>”.

Ao retornarmos a problemática do tempo, Maria Odila diz: “Pode-se dizer que toda a sua obra foi construída em torno do conceito de tempo, continuidade e mudança no processo de vir a ser<sup>45</sup>”. Realmente,

---

<sup>41</sup> RANKE, 1979, p. 518-519.

<sup>42</sup> HOLANDA, 1973, p. 3.

<sup>43</sup> Durante muito tempo esta era entendida como a função primordial da história, que teve como seus representantes Jules Michelet, ainda no movimento romântico, Ernest Lavisse e Gabriel Monod, preocupados com as características científicas da disciplina. Ver DOSSE, 2001.

<sup>44</sup> RANKE, 1998, p. 129.

<sup>45</sup> DIAS, 1988, p. 73.

quando nos debruçamos sobre os principais trabalhos de Sérgio Buarque é o que encontramos, processos históricos explicados a partir de um prisma de longa duração. De forma alguma realizaremos qualquer aproximação delirante entre Sérgio Buarque e Marc Bloch ou Fernand Braudel, não entre os anos de 1920-30; na verdade essa visão de tempo longo, lento, utilizada pelo autor de *Raízes*, é resultado de sua percepção dos fenômenos, é um recurso concreto para explicar o presente. Desde logo compreendeu que “sempre se compreenderá melhor um fato humano, qualquer que ele seja, se possuímos já a inteligência de outros fatos da mesma espécie”<sup>46</sup>.

De forma profunda, Maria Odila atrai a atenção dos leitores da obra de Sérgio Buarque para sua central preocupação: a linguagem como instrumento principal para a construção de suas teses e o cita: “A história digna de tal nome (...) a história vigorosa, verdadeira, justamente porque quer exprimir a verdade, requer acurado trabalho de redação e elaboração, que dificilmente admite a linguagem desleixada”<sup>47</sup>. As palavras para Sérgio Buarque, como bem cita Maria Odila, não são meros instrumentos de redação, mas verdadeiros atos, com intenção de transformação social. Sérgio Buarque tinha consciência da força de suas palavras, sabia o que queria fazer com elas e por isso as escolheu com cuidado. Um fator importante nesta análise é considerar que Sérgio Buarque, formado em Direito, é fruto de uma escola clássica, a qual ensinava latim. Ele não escolheu as palavras de forma a construir um discurso monológico<sup>48</sup> – pelo contrário, sua intenção foi estabelecer um diálogo com seus leitores e para isso atentou para os elementos estruturais e mórficos dos termos que utilizou. Sérgio Buarque, leitor de Wittgenstein e Nietzsche, bem sabia que “a linguagem vai além dos signos”. Essa preocupação com o sentido nato das palavras o autor de *Raízes* deixa claro ao exaltar o instinto aventureiro ibérico, analisando a palavra “sobranceria”: “Essa concepção espelha-se fielmente em uma palavra bem hispânica – ‘sobranceria’ – palavra que indica inicialmente a idéia de superação”<sup>49</sup>. Conforme veremos, o mesmo fez com o termo “homem cordial”.

Os anos em que Sérgio Buarque escrevia ainda estavam muito

---

<sup>46</sup> BLOCH, 1987, p. 128.

<sup>47</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque. *Doença infantil da historiografia*. Versão preliminar datilografada. Apud DIAS, 1988, p. 75.

<sup>48</sup> Segundo Todorov, um discurso monológico “nega a existência fora de si de uma outra consciência (...) Não espera dela uma resposta tal que possa tudo modificar no mundo da minha consciência. O monólogo é completo e surdo à resposta do outro, não o espera e não conhece nele força decisiva”.

<sup>49</sup> HOLANDA, 1973, p. 4.

próximos daqueles em que a discussão sobre a língua nacional e suas transformações gerava desagrvos entre os intelectuais. A língua portuguesa vinha sofrendo alterações. Assim, apropriou-se de termos utilizados por intelectuais criticados por ele, o que veremos mais adiante, para se contrapor, apoiando-se sobre o significado nato das palavras. “Para o historicismo, que atraiu Sérgio Buarque de Holanda desde a década de 20, a relação entre as palavras e a realidade era uma questão de interpretação e não de dedução filosófica”<sup>50</sup>.

No texto de Sérgio Buarque, são as palavras que denunciam as deformações da realidade social. Os títulos escolhidos para os capítulos de *Raízes do Brasil* demonstram a forma como construiu sua crítica. Através de um método dos contrários, ele contrapõe definições sobre os brasileiros existentes às características que considerava pertencentes aos brasileiros, como, por exemplo, “Trabalho e aventura”<sup>51</sup>, título do segundo capítulo. Nesse capítulo, utilizou a tipologia weberiana e definiu o tipo-ideal de trabalhador e de aventureiro. Depois, demonstrou como os colonizadores ibéricos, portugueses e espanhóis, se enquadravam no primeiro tipo – o aventureiro. No entanto, ele surpreendeu quando, ao contrário da tradição, qualificou o gosto pela aventura, a “ânsia de prosperidade sem custo” e “riquezas fáceis”, como qualidades dos desbravadores portugueses e não defeitos, que viabilizaram a “colonização em terras tropicais”, e afirma: “O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar”, e esse seria o motivo pelo qual “Na obra da conquista e colonização dos novos mundos, coube ao ‘trabalhador’, no sentido aqui compreendido, papel muito limitado, quase nulo”<sup>52</sup>. Ao passo que o “aventureiro” ibérico conseguiu “enfrentar com denodo as asperezas ou resistências da natureza e criou-lhes as condições adequadas a tal empresa”<sup>53</sup>.

Diferentemente do que muitos pensam, o historiador não estava criticando os brasileiros, chamando-os de preguiçosos. Na verdade, a partir das raízes de características brasileiras, construídas por muitos intelectuais durante o século XIX e princípios do XX, Sérgio Buarque demonstrou a força de mudança dos nossos pais ibéricos, herdada pelo povo brasileiro. Este precisava tomar consciência de sua capacidade para mudar o ambiente inóspito no qual vivia. Assim, podemos ver como

---

<sup>50</sup> DIAS, 1988, p. 75.

<sup>51</sup> Este título permaneceu na obra desde sua primeira edição, ao contrário do III e IV capítulos, que, após alterações, tiveram seus títulos modificados, a partir da segunda edição em 1947.

<sup>52</sup> HOLANDA, 1973, p.14.

<sup>53</sup> Id., *ibid.*, p. 14.

o autor de *Raízes* fez bom uso das palavras, mas não somente isso, utilizou-as como instrumento para a construção de sua tese. Como afirmou Maria Odila:

A perspectiva do historiador situado no tempo obriga-o a captar a alteridade do pensamento dos homens do passado e a procurar palavras adequadas a transmitir matizes da mudança do linguajar através do tempo. Sérgio Buarque de Holanda procurava em suas obras a **nitidez do enfoque** desta linha do horizonte entre o passado e o presente.<sup>54</sup>

Sim, foi a “nitidez do enfoque” que Sérgio Buarque perseguiu em *Raízes do Brasil*, na tentativa de explicar o presente através do passado. O texto de Sérgio Buarque foi estruturado para afirmar o poder de mudança do povo brasileiro, contrariando as teorias deterministas que construíram uma imagem de homem hospitaleiro, indolente e preguiçoso. Como nos disse Maria Odila, o autor de *Raízes* foi em “busca das sobrevivências arcaicas do passado no presente”<sup>55</sup>. Entretanto, isso foi apenas um recurso para conscientizar os leitores da necessidade de mudança, de busca de originalidade, de reconstrução da nação brasileira a partir de uma ótica moderna. É Maria Odila que nos diz: “O impasse da modernidade no Brasil contemporâneo foi o núcleo das preocupações de Sérgio Buarque de Holanda”<sup>56</sup>.

Em outro texto, *Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda*, Maria Odila Leite da Silva Dias afirmou algo contraditório ao recurso histórico utilizado por Sérgio Buarque: “Para ele, o historiador nada podia aprender do passado, nem devia esperar dele soluções para problemas do presente”<sup>57</sup>. Não compreendemos essa afirmação, pois Sérgio Buarque tornou-se historiador por entender que precisávamos compreender nosso passado para resolvermos nossos problemas do presente e por isso produziu uma obra de história do Brasil apoiado sobre uma noção de tempo longo. Ao analisarmos *Raízes do Brasil*, podemos perceber que seu autor pretendia compreender as estruturas sociais e culturais brasileiras, para sustentar sua crítica, e para ele isso somente seria possível através de um grande retrocesso histórico. Realmente, o historiador não esperava encontrar soluções no passado, mas apenas compreender sua realidade momentânea. De fato, ele almejava libertar-se das estruturas do passado e isso somente seria possível compreendendo-o. Assim, conforme nos diz Maria Odila: para Sérgio Buarque, o

---

<sup>54</sup> DIAS, 1988, p. 74 (grifo nosso).

<sup>55</sup> Id., *ibid.*, p. 78 (grifo nosso).

<sup>56</sup> Id., *ibid.*

<sup>57</sup> DIAS, 1998, p. 11.

historiador “Deveria empenhar-se em desvendar no passado forças de transformação que pudessem indicar os caminhos para libertar-se dele”<sup>58</sup>. Assim, vemos que as duas afirmações da autora são contraditórias.

Maria Odila prossegue em sua análise sobre a obra e a vida do historiador Sérgio Buarque de Holanda e diz: “Não foi propriamente um militante político, apesar de figurar, em 1980, como um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores. O seu era um engajamento de militância intelectual”.<sup>59</sup>

Novamente não concordamos com Maria Odila, pois Sérgio Buarque de Holanda seguiu em sua produção histórica engajado com a crítica política à cultura, à sociedade, à economia e ao Estado brasileiro. Claro que ainda não nos detivemos profundamente em analisar toda a trajetória intelectual do historiador, no entanto, no período que nos propomos aqui analisar, podemos afirmar que Sérgio Buarque foi um militante pelas causas liberais, com conceitos de democracia e governo muito próprios, como já discutido.

Quando falamos em causas liberais não nos referimos a ideais defendidos por nenhum partido liberal, mas aos ideais do liberalismo, que em seu cerne “defende a tolerância e o respeito à liberdade individual, principalmente a liberdade de pensamento”<sup>60</sup>. Liberdade de pensamento, de escolha, esta era a grande causa da militância do historiador em fins dos anos 20. E afirmou Sérgio Buarque em *Raízes do Brasil*: “É freqüente imaginarmos prezar os princípios democráticos e liberais quando, em realidade, lutamos por um personalismo ou contra outro”. Sérgio Buarque criticava as estruturas excludentes da sociedade brasileira, que poucas décadas antes havia proclamado a República cheia de ideais democráticos, e afirmou, como já citado, que o estado deve visar ao bem comum e não apenas aos interesses de um pequeno grupo que esteja no poder. Assim, “O ideal humanitário que na melhor das hipóteses ela predica é paradoxalmente impessoal; sustenta-se na idéia de que o maior grau de amor está por força no amor ao maior número de homens, subordinando, assim, a qualidade a quantidade”<sup>61</sup>.

Como vemos, o historiador criticava o privilégio de poucos em detrimento da maioria do povo e defendia a neutralidade do Estado, pois, para ele, um governo personalista que estabelece relações “cordiais” com um pequeno grupo orienta-se pelo “equilíbrio dos egoísmos”. Sérgio Buarque estava criticando a adaptação de forma

---

<sup>58</sup> Id., *ibid.*

<sup>59</sup> Id., *ibid.*, p. 12.

<sup>60</sup> FLORES, 2001, p. 358.

<sup>61</sup> HOLANDA, 1973, p. 139-140 (grifo nosso).

personalista da liberal-democracia no Brasil. Na verdade, para ele estávamos longe dos ideais democráticos e vivíamos ainda orientados por espíritos caudilhistas<sup>62</sup>. O historiador afirmou: “As Constituições feitas para não serem cumpridas, as leis existentes para serem violadas, tudo em proveito de indivíduos e oligarquias são fenômeno corrente em toda a história da América do Sul”<sup>63</sup>. Assim o historiador explicitou sua crítica ao governo despótico implantado no Brasil.

Diante de todo esse contexto de ebulição da sociedade brasileira, Sérgio Buarque propôs como solução a dissolução das velhas estruturas plutocráticas e personalistas do Estado Brasileiro: “Essa vitória nunca se consumará enquanto não se liquidem, por sua vez, os fundamentos personalistas e, por menos que o pareçam, aristocráticos, onde ainda assenta nossa vida social”<sup>64</sup>.

Esse processo revolucionário a que Sérgio Buarque se referiu é o processo de transformações que o Brasil vinha sofrendo, as mudanças nas artes plásticas, literatura e música, mas principalmente o vivido pelo Estado, as eleições de 1930 e a Revolução na qual Getúlio Vargas subiu ao poder. Nessa citação, vemos no historiador a crença de que as novas bases do governo brasileiro poderiam mudar a realidade brasileira extirpando os fundamentos personalistas e aristocráticos próprios da República Velha.

Neste ponto retornamos ao problema do engajamento político de Sérgio Buarque. Para nós, sua tão exaltada participação na fundação do Partido dos Trabalhadores não serve como exemplo de sua militância, até porque foi muito posterior à produção do corpo de sua obra. Nosso historiador foi militante e sua atividade ficou bem marcada em suas reportagens jornalísticas, como é o caso de “Paraíso dos bandidos e el dourado das epidemias” (*Diário de São Paulo*, 19 fev. 1930) e “O café brasileiro na Alemanha” (Rio de Janeiro, *O Jornal*, 29 jan. 1930).

Essas reportagens foram produzidas durante sua estada na Alemanha como correspondente de *O Jornal* e do *Diário de São Paulo*, veículos de imprensa de propriedade de Assis Chateaubriand, colocados abertamente a serviço da campanha eleitoral getulista desde fins de 1929. O conteúdo das reportagens é declaradamente um ataque às políticas econômicas e sociais exercidas pelos governos brasileiros até então. O autor falou não somente da crise do café, mas também dos problemas do analfabetismo e da violência que assolavam o país. Interessante para nós é a exaltação da figura do candidato João Pessoa

---

<sup>62</sup> Conforme HOLANDA, 1973, p. 134.

<sup>63</sup> Id., *ibid.*, p. 136-137.

<sup>64</sup> Id., *ibid.*, p. 135.

à vice-presidência da República, ao lado de Getúlio Vargas para presidente. João Pessoa foi citado como homem honesto, contrário às políticas corruptas exercidas no Brasil. As reportagens serão analisadas detalhadamente mais adiante. No momento é importante observarmos que esta atuação no interior deste jornal getulista nos mostra o posicionamento político de Sérgio Buarque em fins de 1929 e início de 1930.

Por meio dessas matérias o então jornalista deu suporte teórico aos argumentos da Aliança Liberal de Getúlio Vargas, que defendia a anistia geral, a votação livre e a reforma política do Estado brasileiro.

A pacificação geral dos espíritos pela anistia. A verdade eleitoral pela votação consciente e livre. A reforma efetiva dos processos políticos vigorerantes no país, da salvaguarda de deveres fundamentais inerentes ao livre exercício da soberania nacional.<sup>65</sup>

É interessante observarmos que esses e outros textos não aparecem em nenhum dos inúmeros trabalhos de análise da obra de Sérgio Buarque, surgidos nessa “onda modista”<sup>66</sup> desencadeada após a sua morte.

No entanto, atentemos para o fato de que Sérgio Buarque de Holanda, como um intelectual, no decorrer de sua vida reformulou suas posturas e, como disse o historiador no parágrafo abaixo, em 1947 já não concordava com as idéias que geraram *Raízes do Brasil*. Após sua primeira edição, Sérgio Buarque alterou bastante a primeira parte da obra, mudou até mesmo o título de dois capítulos:

Dois capítulos, o II e o IV, que na 1<sup>o</sup> edição traziam um título comum – “O passado agrário” – passaram a chamar-se, respectivamente, “Herança rural” e “O sementeiro e o ladrilhador”, denominações estas que melhor se ajustam aos conteúdos, pelo menos aos conteúdos atuais, dos mesmos capítulos (...)Entretanto, fugi deliberadamente à tentação de examinar, na parte final da obra, alguns problemas específicos sugeridos pelos sucessos deste último decênio. Em particular aqueles que se relacionam com a circunstância da implantação, entre nós, de um regime de ditadura pessoal de inspiração totalitária. Seria indispensável, para isso, desprezar de modo arbitrário a situação histórica que presidiu e de algum modo provocou a elaboração da obra, e isso não me pareceu possível, nem desejável.<sup>67</sup>

---

<sup>65</sup> Manifesto da Aliança Liberal publicado com a fotografia de Getúlio Vargas em *O Jornal* – 07 set. 1929.

<sup>66</sup> Chamamos de “onda modista” o incrível e repentino interesse de inúmeros historiadores pela obra de Sérgio Buarque de Holanda, que produziram trabalhos de análise da mesma, após a sua morte e, pela superficialidade, muitas vezes trazem análises errôneas e equivocadas.

<sup>67</sup> HOLANDA, 1973.

Ainda assim, o autor sabia muito bem que aquelas idéias foram as motivadoras da produção da obra e por isso não alterou o conteúdo da parte final, onde está contida toda a sua crítica e proposta de mudanças às instituições brasileiras. *Raízes do Brasil* apresenta até hoje a estrutura e conteúdo reformulado da segunda edição.

Assim, percebemos que, para compreender o significado de *Raízes do Brasil* em seu tempo, devemos nos debruçar sobre os textos antecessores de Sérgio Buarque de Holanda e não os posteriores a essa obra. Como vimos o historiador mudou, repensou e reavaliou suas posturas políticas e metodológicas frente às transformações históricas vividas por sua geração.

Para seguir com o processo de análise historiográfica, precisamos ter em mente a complexidade do pensamento humano e de suas transformações. Ao analisarmos a obra de Sérgio Buarque de Holanda e seus intérpretes, concluímos que não se pode olhar o historiador como um organismo homogêneo, mas sim como um sujeito em constante metamorfose.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Francisco de Assis. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *As raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro, Rocco, 1988.

BARBOSA, Francisco de Assis. Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre a trajetória intelectual até *Raízes do Brasil*. In: SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: vida e obra. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988.

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. 5. ed. Lisboa: Europa-América, 1987.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estilos de teoria e história literária*. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

\_\_\_\_\_. *O significado de Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

CÂNDIDO, Antônio. Sérgio, o radical. In: SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: vida e obra. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988.

CERTEAU, Michel de. Fazer história. In: \_\_\_\_\_. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

DIAS, Maria Odila da Silva. Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: vida e obra. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988.

\_\_\_\_\_. Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: CÂNDIDO, Antônio (org). *Sérgio Buarque Holanda e o Brasil*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1998.

- DOSSE, François. *História em migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo: Ed. da Unicamp, 1950.
- FLORES, Moacyr. *Dicionário de História do Brasil*. 2. ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- \_\_\_\_\_. O atual e o inatural na obra de Leopold von Ranke. *Revista de História*, v. 50, n. 100, out.-dez. 1974.
- \_\_\_\_\_. Originalidade literária. *Fon-Fon*, São Paulo, p. 1, 22 abr. 1920.
- \_\_\_\_\_. Prefácio à segunda edição. In: \_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Tentativas de mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- MARSAL, Juan F. *Conhecer Max Weber e sua obra*. Lisboa: Ulisseia, s/d, p. 18.
- RANKE, Leopold von, apud FONTANA i LÁZARO, Josep. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru, SP: EDUSC, 1998.
- RANKE, Leopold von. *Pueblos y estados en la historia moderna*. México: Fondo de Cultura Económica, 1979.
- WEBER, Max, apud MARSAL, Juan F. *Conhecer Max Weber e sua obra*. Lisboa: Ulisseia, s/d.